

## SENTIDOS SUBJETIVOS SOBRE SEXUALIDADE MOBILIZADOS E CONSTRUÍDOS POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM SALA DE AULA

### SUBJECTIVE SENSES ON SEXUALITY MOBILIZED AND BUILT BY HIGH SCHOOL STUDENTS IN THE CLASSROOM

Pedro Raimundo Mathias de Miranda<sup>1</sup>

José Moysés Alves<sup>2</sup>

#### Resumo

A sexualidade é um fenômeno essencialmente humano, complexo e subjetivo, desenvolvido nas relações interpessoais do cotidiano. Nesta pesquisa objetivamos compreender aspectos de como estudantes de uma escola pública, subjetivam questões relacionadas à sexualidade, em práticas dialógico-problematizadoras. As informações foram produzidas em um grupo de 17 estudantes do Ensino Médio, por meio de conversações, complemento de frases e outros instrumentos de pesquisa e a análise dos dados foi realizada com base na Epistemologia Qualitativa proposta por González Rey. Para vários/as participantes da pesquisa, a sexualidade era sinônimo de órgãos genitais e/ou relação sexual. Com o trabalho pedagógico os/as participantes da pesquisa ampliaram seus conhecimentos e ganharam confiança para dialogar sobre o tema.

**Palavras-chave:** Educação para a Sexualidade; Abordagem Emancipatória; Teoria da Subjetividade; González Rey.

#### Abstract

Sexuality is an essentially human phenomenon, complex and subjective, developed through the interpersonal relationships of day to day life. In this research, we seek to comprehend the aspects of how public-school students subjective issues regarding sexuality, through dialogical-problematizing practices. The data was produced from a group of 17 high school students, through conversations, completing sentences and other research instruments and the data analysis was performed based on Qualitative Epistemology, as proposed by González Rey. Many of the research participants viewed sexuality as a synonym of reproductive organs and/or intercourse. Throughout the pedagogical work, the research participants amplified their knowledge and gained confidence to talk about the topic.

**Keywords:** Education for Sexuality; Emancipatory Approach; Subjectivity Theory; González Rey.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação em Ciências e Matemática (UFMT/PPGECM/REAMEC). Licenciado em Biologia (UFAC). Professor de Ciências do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: pedro.miranda@ufac.br

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Psicologia (UFPA). Professor titular do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará (IEMCI/UFPA). E-mail: jmalves@ufpa.br

## **1 Introdução**

Promover o debate na escola sobre sexualidade, gênero, diversidade sexual e outros assuntos ou temas correlatos, se constitui uma atividade desafiadora para educandos/as e educadores/as, por “[...] envolver valores familiares, morais, culturais, religiosos, além de sentidos, sentires, experiências e sentimentos únicos, singulares.” (BONFIM, 2012, p. 15). Implica a necessidade de rever conceitos, preconceitos, concepções e convicções em relação à sexualidade, incluindo a própria sexualidade, por meio de um referencial teórico que sustente uma nova compreensão de si mesmo e do outro, das relações sociais e interpessoais e suas implicações no desenvolvimento humano.

Dessa perspectiva, a sexualidade, como uma invenção social, um dispositivo complexo, dinâmico, polêmico e profundamente subjetivo (BONFIM, 2012; FOUCAULT, 2015; NUNES, 2005), produz um conjunto de fatores na sua consubstancialização e se torna um campo vasto e, praticamente, inacessível no contexto da sala de aula, no que se convencionou chamar de educação sexual ou educação para a sexualidade.

Dessa forma, foi necessário escolher uma lente e um ângulo para vislumbrar a sexualidade e assim poder dialogar com os/as estudantes, como meio de apontar caminhos, abrir janelas, mostrar o horizonte por outro prisma, mesmo que por um átimo, para que eles e elas pudessem deslindar dúvidas, reexaminar anseios, desalojar medos, tornar palpáveis as necessidades de dialogar e conhecer. A intenção foi oportunizar aos/às estudantes perceberem o quanto há por (des)considerar, refletir, aprender e reconfigurar o modo de sentir e vivenciar a própria sexualidade, reprimida, instintiva, acentuada, adestrada, ou ainda, sugestionada pela ordem social dominante (BONFIM, 2012).

A sexualidade não se restringe somente ao sexo. É um fenômeno complexo, que resulta da integração dos componentes biológicos, psicológicos, sociais, históricos e culturais que a constitui e se expressam nas práticas sexuais, nos desejos, nos pensamentos e emoções, assim como nas atitudes e representações individuais e sociais (BONFIM, 2012; NUNES, 2005; MONTEOLIVA, 2002).

Nunes e Silva (2006, p. 73), afirmam que “[...] a sexualidade é uma marca única do homem, uma característica somente desenvolvida e presente na condição cultural e histórica do homem”. Assim, cada ser humano inserido/a em um contexto sócio-histórico-cultural, subjetiva uma construção da sexualidade, conforme as experiências acumuladas ao longo da existência, com a qual orienta a expressão, vivência e práticas sexuais.

Kahhale (2015, p. 222) considera que a sexualidade resulta de “um processo simbólico e histórico, que expressa a constituição da identidade do sujeito, como ele vive a questão da intimidade e da relação com o próprio corpo [...] da significação, das normas, da moral e da ética grupal [...]”. Assim, pode-se considerar que a sexualidade é uma construção sociocultural, subjetiva, dinâmica, multideterminada por diferentes componentes (biológico, psicológico, social, histórico, cultural, político e econômico) de forma complexa e intrincada tanto a nível individual quanto social (FIGUEIRÓ, 2010; KAHHALE, 2015).

Desta perspectiva, a educação para a sexualidade (positiva ou negativa) realizada de maneira informal, se processa ao longo do desenvolvimento humano, pela imersão do sujeito em um meio ou contexto social, histórico e cultural. Tal contexto proporciona, de modo contínuo (latente ou não), informações e/ou orientações acerca do tema, que são subjetivadas pelo indivíduo no processo de construção da própria sexualidade (TUCKMANTEL, 2011).

O objetivo da pesquisa foi compreender como estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Rio Branco, Acre, subjetivavam questões relacionadas à sexualidade, em um contexto de práticas educativas dialógico-problematizadoras em sala de aula, com base em uma abordagem emancipatória de educação para a sexualidade.

## **2 Referencial Teórico**

A Teoria da Subjetividade de González Rey (2003, 2005, 2010, 2012), com base na perspectiva histórico-cultural, concebe a subjetividade como “[...] a complexidade da constituição psicológica humana nas condições da cultura e vida social [...]” (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, p. 52). Os conceitos de subjetividade social, subjetividade individual, configuração subjetiva e sentidos subjetivos são centrais nessa teoria e utilizados para dar sentido compreensivo aos processos humanos, de natureza simbólico-emocional que se desenvolvem na cultura (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2005; ROSSATO, MARTINS; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2014).

A articulação destas categorias possibilita compreender a complexidade da ação humana e foi tomada como base para fazer referência a “[...] um modo de compreender a realidade no qual é reconhecido o caráter desordenado, contraditório, plural, recursivo, singular, indivisível e histórico que a caracteriza.” (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2005, p. 4).

Moncayo Quevedo (2017) afirma que não existe na obra de González Rey, uma teoria pertinente à sexualidade, mas, indicações que permitem estabelecer conexões com a categoria subjetividade, enquanto “[...] um sistema complexo capaz de expressar através dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 19). A subjetividade está presente, simultaneamente, tanto no indivíduo quanto nos espaços sociais em que ele/a participa.

Reconhecer a sexualidade como produção subjetiva, implica considerar que o desenvolvimento biopsicossocial humano acontece, simultaneamente, a nível social e individual de modo recursivo, pois, “[...] cada ser humano carrega consigo um saber sócio-histórico construído [...]” resultante das transformações, significados, conhecimentos e comportamentos do meio socio-histórico-cultural em que está inserido (MEIRA; SANTANA, 2014, p. 161).

Em relação à sexualidade, Lokcs e Yared (2013, p. 46) a expressam em uma perspectiva de subjetividade, ao afirmarem que:

[...] a história de vida que cada sujeito leva consigo inclui todas as vivências e reflexões de sua experiência bioafetivo-sexual, particularmente da Educação Sexual proporcionada por sua família, seja ela dialógica, repressiva ou omissa bem como aquela instituída pela sociedade. Essas vivências estão

impregnadas de valores, crenças, mitos e tabus, formando uma concepção particular de sexualidade.

Assim, a sexualidade perpassa todo o desenvolvimento humano e resulta de um sistema de sentidos subjetivos organizados em diferentes configurações subjetivas particulares, cujas significações e vivências resultam de uma configuração dinâmica e dialética entre o indivíduo e os outros, nos diferentes espaços sociais que ocupa (GONZÁLEZ REY, 2003; FIGUEIRÓ, 2014).

O conceito de subjetividade social possibilita compreender o comportamento de uma pessoa ou grupo, como parte de processos subjetivos amplos, em que acontecem produções subjetivas oriundas de diferentes espaços sociais (GONZÁLEZ REY, 2003; ROSSATO, 2009). As complexas experiências das pessoas que constituem a organização social são invisíveis à percepção dos indivíduos e, independentemente de serem positivas ou negativas, produzem tensões, influenciando as configurações subjetivas de outros indivíduos, implicando na subjetividade social e individual, por meio dos sentidos subjetivos produzidos no processo (ROSSATO, 2009).

As formas de articulação e organização das experiências sociais e a produção de sentidos e configurações subjetivas pelo indivíduo concreto, constituem a subjetividade individual. Nesta categoria, encontram-se inseridas a cultura e a história de vida da pessoa e o modo como ela as utiliza em suas relações e práticas sociais (GONZÁLEZ REY, 2003). No processo de subjetivação do indivíduo, leva-se em consideração o caráter ativo, criativo e reflexivo deste com o social, de modo interativo, recursivo e dialético.

Dessa perspectiva teórica e em relação à sexualidade e a educação para a sexualidade, entendemos a subjetividade social como o campo de sentidos contraditórios de representações hegemônicas e contra hegemônicas sobre a sexualidade. Por subjetividade individual, consideramos o conjunto de experiências resultante da história de vida da pessoa relativa à sexualidade e o compartilhamento de crenças e valores sociais, que tem por base a história e a cultura da sociedade onde está inserida.

O sentido subjetivo é definido como a “[...] relação particular que se produz entre os processos simbólicos e as emoções num espaço de atividade culturalmente delimitado do indivíduo [...]” (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, p. 54), onde o simbólico e as emoções se implicam de forma mútua e recursiva, isto é, sem que um seja a causa do outro. Ao evocar a unidade do simbólico com o emocional, em uma relação recursiva, os sentidos subjetivos se expressam como processo em desenvolvimento (GONZÁLEZ REY, 2010; MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). O sentido subjetivo representa, portanto, a tensão, o confronto entre a unidade social e individual conforme o meio e o contexto em que o sujeito atua (vive, convive, age e reage), uma característica única e particular de como se processa a experiência humana, sem se constituir um reflexo do meio social externo, mas, “[...] uma produção subjetiva que se organiza em configurações subjetivas que representam verdadeiros sistemas em desenvolvimento” (GONZÁLEZ REY, 2010, p. 331).

A configuração subjetiva pode ser definida como uma “rede” ou núcleos dinâmicos de sentidos subjetivos, oriundos de diferentes experiências do social e do individual (GONZÁLEZ

REY, 2003; GONZÁLEZ REY, 2012). Representam as inter-relações ou articulações de sentidos subjetivos que se originam e organizam a subjetividade social e a subjetividade individual. Em relação à sexualidade, consideramos que a configuração de sentidos subjetivos constitui núcleos de organização de sentidos decorrentes das experiências de uma pessoa sobre a sexualidade nos distintos contextos sociais em que participa, a exemplo do meio familiar, religioso, grupo de amigos, mídia, escola etc.

Os aspectos subjetivos e sociais, como integrantes da aprendizagem, não têm sido levados em consideração por parte de educadores e educadoras, que concebem a aprendizagem somente em seus aspectos cognitivo-intelectuais. González Rey (2008, p. 33) propôs integrar a subjetividade ao processo de ensino e aprendizagem na escola, pois a produção de sentidos subjetivos acrescenta qualidade à aprendizagem, por considerar que “[...] o sujeito aprende como sistema e não só como intelecto”.

Diante do exposto, o sujeito que aprende diz respeito ao/à estudante ativo/a, motivado/a e crítico/a, envolvido/a emocional e afetivamente com o processo dialógico sobre as diversas questões acerca da sexualidade, relacionando às suas experiências singulares e relevantes, como meio de motivá-lo/a a assumir o protagonismo da própria aprendizagem, pela produção de sentidos subjetivos que favoreçam uma vivência da sexualidade prazerosa, saudável e responsável.

Considerando a subjetividade como um sistema de sentidos subjetivos organizados em diferentes configurações particulares e que os sentidos se reorganizam de acordo com as ações e o contexto em que o sujeito participa, Tacca (2008) propôs que a estratégia pedagógica valorize o diálogo e as relações sociais em sala de aula como meios de conhecer as emoções e o pensamento do/a aluno/a. A referida autora defende ainda que “[...] a estratégia pedagógica esteja orientada para o sujeito que aprende e não para o conteúdo a ser aprendido” (TACCA, 2008, p. 48).

Nessa mesma perspectiva, Mitjans Martínez e González Rey (2017, p. 68) afirmam que,

O diálogo, a reflexão, o desafio são recursos comunicativos importantes a serem utilizados pelo professor para implicar o aprendiz no processo de aprender, porém para que possam cumprir essa função se requer uma relação afetiva de autenticidade e confiança, que a partir da forma como se configura subjetivamente no aprendiz permita que esses recursos contribuam para a produção de sentidos subjetivos favorecedores da aprendizagem.

Considerar o caráter singular e subjetivo do processo de aprender pressupõe repensar a prática pedagógica e a sala de aula como um espaço de diálogo, procurando possibilitar o envolvimento, a participação ativa e a reflexão do/a aluno/a. Como meio de favorecer o desenvolvimento de uma aprendizagem crítica sobre a sexualidade, adotamos a abordagem emancipatória de educação para a sexualidade intencional na escola. A aprendizagem como prática dialógica, além de possibilitar a reflexão, instiga o questionamento, a pesquisa, a tomada de atitudes, por meio da “reelaboração” ou emergência de sentidos subjetivos frente ao conteúdo ou tema de ensino e aprendizagem (GONZÁLEZ REY, 2008).

### **3 Percorso Metodológico**

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005) e González Rey e Mitjans Martínez (2017), um referencial epistemológico que concebe a produção do conhecimento baseado em três princípios: o processo construtivo-interpretativo de responsabilidade do/a pesquisador/a, a comunicação ou caráter dialógico como espaço de produção de informação e o reconhecimento da legitimidade do singular na produção do conhecimento (GONZÁLEZ REY, 2005).

A pesquisa de abordagem qualitativa se apresenta como um processo permanente de construção de indicadores e hipóteses, que constituem os elementos relevantes para configurar o modelo teórico em desenvolvimento. Dessa forma, indicadores e hipóteses são construídos pelo/a pesquisador/a a partir de representações sobre o que está sendo estudado e como analisa as informações produzidas pelos/as participantes da pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2005).

A pesquisa foi desenvolvida com 17 estudantes da primeira e segunda séries do Ensino Médio, de uma escola pública de Educação Básica de Rio Branco – Acre. O trabalho de campo teve início com a construção do cenário social da pesquisa, uma etapa da investigação caracterizada pela aproximação do/a pesquisador/a com os/as possíveis participantes da pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2005).

Todos/as participantes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e a mãe, o pai ou responsável do/a aluno/a participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi realizada considerando os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, para isto, foi submetida à avaliação e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Acre (UFAC), por meio do parecer consubstanciado de número 1.942.952.

A produção das informações ocorreu em 22 encontros semanais, de duas horas cada, sendo oito (8) encontros realizados durante o ano 2016, e o restante no início do ano letivo de 2017. Neste relato de experiência, foi considerada a produção de informações dos três primeiros encontros, nos quais foram objeto das conversações em grupo, o conceito e os componentes da sexualidade.

A produção de informações ocorreu por meio de conversações em grupo e conversações individuais em que foram problematizados em sala de aula questões relacionadas à sexualidade com e entre os/as participantes da pesquisa. Como instrumentos escritos de pesquisa foram utilizados o complemento de frases e o registro em caderno específico para as atividades em sala de aula, durante o trabalho de campo e pedagógico.

González Rey (2005, p. 42) afirma que “[...] toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto da relação que caracteriza a pesquisa”, constitui instrumento de produção de dados ou informações, a partir de estímulos e situações diversas que o/a pesquisador/a julgar conveniente para estabelecer o diálogo.

À medida que as informações eram produzidas, foram analisadas previamente, para que no(s) encontro(s) seguinte(s) fossem problematizadas e/ou contextualizadas com os/as participantes da pesquisa. Sendo assim, os instrumentos da pesquisa têm a função de promover os processos comunicativos e podem ser organizados progressivamente, para que o/a

pesquisador/a estabeleça indicadores e hipóteses (GONZÁLEZ REY, 2005). Desse modo, o envolvimento do/a participante é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa e a qualidade da informação, assim como, as reflexões e emoções refletem o compromisso e a confiança do/a participante em seu/sua interlocutor/a.

O processo de construção do conhecimento, com base no princípio construtivo-interpretativo da Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005), se constitui um processo permanente de definições e redefinições, desde as primeiras atividades da pesquisa para a elaboração do modelo teórico relacionado ao objeto de estudo. De modo simplificado, o referido processo segue as seguintes etapas: identificação e confrontação dos indicadores obtidos no processo dialógico e instrumentos de pesquisa, desenvolvimento de hipóteses e a construção do modelo teórico (GONZÁLEZ REY, 2005).

A análise construtivo-interpretativa deve resultar na construção do modelo teórico. Em nossa pesquisa, “[...] um modelo capaz de integrar processos relevantes de comunicação em sala de aula que permitam sustentar a efetividade [...] de comunicação que se pretende e, se possível, explicar como favoreceria as diferentes atividades em classe.” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 91).

Para preservar a identidade dos/as participantes da pesquisa, ressaltamos que os nomes atribuídos às falas de alguns/mas participantes nos resultados, são fictícios.

#### 4 Resultados e Discussão

Na conversação inicial com os/as participantes da pesquisa, procuramos saber o que eles e elas entendiam por sexualidade. Para alguns/mas participantes, a título de exemplo, sexualidade é “*a diferença entre homem e mulher*” (Pietra), “*seria a atração que a gente sente*” (Joaquim) e para Pilar é “[...] *uma opção sexual que a pessoa possa quer*” (conversação em grupo). Alguns/mas outros/as preferiram não expressar suas ideias ou opiniões.

A sexualidade é um tema que carrega muitos mitos e tabus, que podem dificultar o trabalho pedagógico em sala de aula. Pode causar insegurança, vergonha ou inquietação nos/as adolescentes, provavelmente devido a concepção de que falar de sexualidade é falar de relação sexual, expor intimidades, fazer comentários libidinosos, imorais, relacionados ao desejo e ato sexual. Por outro lado, não se pode deixar de considerar que o diálogo precário ou inexistente na família e/ou na escola sobre aspectos da sexualidade, a erotização precoce, a vulgarização do corpo e do sexo como sinônimo de liberdade, dentre outros, influenciam a concepção da sexualidade genitalizada e quantitativa (BONFIM, 2012).

Compreendemos que os sentidos subjetivos mobilizados pelos/as participantes na questão inicial, provavelmente resultam de crenças, valores morais e dogmas religiosos que concebem o sexo e a sexualidade como algo sujo, pecaminoso, imoral e ilegal, se não forem obedecidos determinados preceitos e regras (BONFIM, 2012).

Para instigar a curiosidade dos/as participantes da pesquisa, questionamos sobre como uma pessoa constrói sua sexualidade na interação com o seu grupo social e se alguém imaginava como isso acontecia. Nesse sentido, foram feitos comentários sobre os grupos sociais que

integramos (família, amigos, escola, igreja etc.) e como aprendemos, desde a infância, regras, valores, crenças, mitos e tabus relacionados à vivência e expressão da sexualidade, incluindo questões relacionadas à relação sexual.

No intuito de promover a reflexão e o diálogo, apresentamos a sexualidade como uma dimensão humana presente em todas as relações que envolvem prazer, bem-estar, alegria, carinho, bem-querer, contato físico, intimidade, comunicação, atitudes e comportamentos, envolvendo ou não o fenômeno da prática sexual (BONFIM, 2012; FIGUEIRÓ, 2009; FURLANI, 2011).

Na continuidade das atividades, por meio de uma conversa informal, dialogamos sobre adolescência, sexualidade e seus componentes biopsicossocial, a dificuldade para dialogar em família sobre o tema e como uma pessoa manifesta sua sexualidade. Dissemos que essa dimensão humana não se expressa somente nas práticas sexuais, mas também por meio de pensamentos, desejos, atitudes e comportamentos, englobando, por exemplo, a busca incessante de contato, o prazer de dar e/ou receber um beijo, um afago, estar com alguém que gosta, trocar olhares, passear de mãos dadas, entre outros que proporcionam bem-estar e prazer (BONFIM, 2012).

Aos poucos os/as participantes da pesquisa foram se sentindo confiantes e à vontade para expor suas ideias e questionamentos. Percebemos ainda que a participação demandava a aprendizagem de termos e conceitos, a exemplo de macho, fêmea e intersexo, cisgênero, transgênero, heterossexual, homossexual, bissexual e outros, como meio de facilitar e promover o diálogo com e entre os/as participantes da pesquisa.

Para facilitar a interação com e entre os/as participantes da pesquisa, foram utilizados os vídeos “*Vamos falar sobre sexualidade?*”<sup>3</sup> e “*Sexualidade: sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero*” (Minutos Psíquicos)<sup>4</sup> e os textos “*Sexualidade é sexo? Ou sexo é sexualidade?*”<sup>5</sup> e “*Como viver uma sexualidade saudável?*”<sup>6</sup>, que problematizam a sexualidade

---

<sup>3</sup> Youtube. *Vamos falar sobre sexualidade?* por Leandro Ramos, TEDxVer-o-Peso, TEDx Talks. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Rm2AoxyM\\_7c&t=78s](https://www.youtube.com/watch?v=Rm2AoxyM_7c&t=78s)>. Acesso em: 17 out. 2016.

<sup>4</sup> Youtube. *Sexualidade: sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero*, Minutos Psíquicos. Youtube. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg> . Acesso em: 01 nov. 2016.

<sup>5</sup> Agência jovem de notícias. *Sexualidade é sexo? Ou sexo é sexualidade*. 12 abr. 2013. Disponível em: <<https://agenciajovem.org/14914/>>. Acesso em: 10 nov. 2016. (modificado).

<sup>6</sup> Tribuna/Vida e Saúde. *Como viver uma sexualidade saudável*. 19 jan. 2013. Disponível em: <<https://tribunapr.uol.com.br/arquivo/vida-saude/como-viver-uma-sexualidade-saudavel/>>. Acesso em: 10 nov. 2016.



e sua abrangência, a orientação sexual, a identidade de gênero e dão exemplos de sua expressão e vivência, entre outros.

As informações e os materiais didáticos contribuíram para ajustar as configurações subjetivas acerca da sexualidade de alguns/mas participantes da pesquisa. Por exemplo, em meio às conversações, Marília disse que *“A sexualidade não se resume somente a uma atração por homem ou mulher. Ela se resume também ao prazer, o prazer de conversar com os amigos em uma roda de amigos [...] Porque é prazer para as pessoas!”* (Conversação em Grupo).

Quanto a vivência da sexualidade, em sentido amplo, Perla afirmou que *“Eu acho que a gente manifesta a nossa sexualidade em conversa com nossos amigos por causa da liberdade que a gente tem de se expressar com eles”*. E Joaquim considerou que *“A sexualidade é um dos aspectos que mais o ser humano distorce absurdamente [...]”* (Conversação em Grupo).

Além de mobilizar sentidos subjetivos dos/as participantes da pesquisa, conforme suas crenças, valores, histórias e experiências de vida, as conversações em grupo e atividades promoveram a mobilização e produção de sentidos subjetivos, considerando o caráter singular do processo de aprender pela prática dialógica, um recurso pedagógico na construção subjetiva da aprendizagem.

Por exemplo, no Complemento de Frases 2, Marília afirmou que *“sexualidade não se limita só a sexo, inclui afeto, abraçar alguém que gosta, atração, desejo”* e que *“vivencio minha sexualidade quando estou em uma roda de conversa com amigos”*.

Sofia considerou que a *“sexualidade é personalidade, é um conceito complexo, envolve sexo, orientação sexual ...”* (reticências da participante) e que, *“vivencio minha sexualidade me aceitando, convivendo com outras pessoas, falando sobre ela”* (Complemento de Frases 2).

Para Joaquim, o *“sexo é uma maneira de sentir prazer, reprodução”* e *“sexualidade é algo complexo, único em cada ser. Pode ser definida como “prazer”. Sexualidade não é só sexo”*. *“Meu prazer [é] tocar violão, ouvir música, sair com amigos, ter momentos bons”* (Complemento de Frases 2). Na conversação individual, Joaquim declarou que as atividades contribuíram para *“[...] abrir mais a minha mente sobre a ideia do que é a sexualidade, que não é algo simples! Antes eu pensava que sexualidade era somente relação sexual e aqueles termos [pausa, não concluiu a frase, emoção]. É, não é opção! Essas coisas [...]”*.

Na proposta epistemológica para o estudo da subjetividade, a fala e outras formas de expressão (silêncio, expressões emocionais, modo da narrativa etc.) constituem produções subjetivas explícitas de indivíduos ou grupos, pela mobilização de configurações subjetivas presentes nas expressões (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINES, 2017).

Entendemos como produções subjetivas, além daquelas oriundas das expressões verbais, o constrangimento, a estranheza e o silêncio de alguns/mas participantes da pesquisa. É possível que a dificuldade para expressar opiniões ou ideias sobre o que é sexualidade, como uma pessoa a expressa, como é construída na interação com o grupo social, entre outros, pode ter sido ocasionada pela vergonha de falar em sala de aula sobre um assunto tido como íntimo e pessoal, que não deve ser discutido com quem não se tem confiança e/ou intimidade. Também

havia o receio de dizer algo que pudesse ser motivo de questionamento, crítica, brincadeiras ou gozação por parte dos/as colegas.

Concordamos com Maia, (2004) quando afirma que uma proposta de educação para a sexualidade intencional na escola, deve fornecer informações em um espaço que se possa realizar reflexões e questionamentos, bem como ir além da mera informação, como meio de promover e garantir uma educação mais abrangente.

O processo dialógico se constitui um dos fundamentos da abordagem emancipatória de educação para a sexualidade, pela valorização do debate sobre crenças, mitos, tabus, preconceitos, dúvidas, valores e sentimentos em torno de questões da sexualidade, que podem possibilitar o entendimento de como os padrões e normas sexuais estão relacionados com a história, a cultura, a política, a estrutura socioeconômica etc. (FIGUEIRÓ, 2010).

Além disso, auxilia o/a estudante a compreender a própria sexualidade, como ela foi e é instituída nas relações sociais, os movimentos de repressão, a necessidade de participação nas lutas por mudanças de normas e valores ligados à sexualidade, a exemplo daqueles que infringem direitos (FIGUEIRÓ, 2010).

## **5 Considerações finais**

As conversações iniciais sobre o que é sexualidade, formas de manifestação e seus componentes foram momentos difíceis para a maioria dos/as participantes da pesquisa, por terem que falar de um assunto tido como impróprio, que não deve ser discutido com pessoas com as quais não se têm confiança e intimidade, fruto de uma educação em sexualidade informal e negativa, por parte da família e/ou da escola que, entre outros, recrimina o diálogo e as manifestações da sexualidade, fora do ambiente familiar e privado.

Sob outro ponto de vista, o receio dos/as participantes para não expor suas opiniões identificado nas conversações iniciais, talvez foi devido ao medo de cometer erros ou ter suas ideias contestadas, que poderiam acarretar novos questionamentos, para os quais, provavelmente, não se sentiam preparados por não se reconhecerem como seres sexuados no mundo, em permanente processo de educação da sexualidade, como apontam Melo e colaboradores (2011).

Por outro lado, a não adesão às conversações revelam de certo modo, o condicionamento dos/as participantes da pesquisa a um processo de ensino e aprendizagem configurado pelo ouvir, apreender e reproduzir o conteúdo de ensino, pela fala de professores/as e/ou o livro didático, como parte de um processo que valoriza a memória, a atenção e a concentração, em detrimento do desenvolvimento e expansão das funções cognitivas e intelectuais.

No processo de aprendizagem como produção subjetiva, o diálogo possibilita reflexão e posicionamento crítico do sujeito ante ao que aprende (GONZÁLEZ REY, 2008). Nesse sentido, o processo dialógico de modo recursivo sobre o conceito de sexualidade, seus componentes e como alguém a expressa no seu cotidiano, utilizando diferentes recursos e modalidades didáticas, contribuíram para deslocar Marília, Sofia, Joaquim e outros/as participantes da pesquisa do lugar comum quanto ao significado de sexualidade como algo

restrito a genitalidade, relação sexual e orientação sexual, se constituindo um meio promissor à abertura de um caminho para a produção de sentidos subjetivos, que expressam a qualidade da aprendizagem, como propõem Mitjás Martínez e González Rey (2012) ao defenderem a aprendizagem como mobilização e produção de sentidos subjetivos em torno de conteúdos e objetos de aprendizagem.

Assumir o processo de ensino e aprendizagem por meio da prática dialógica como eixo norteador para mobilização e produção de sentidos subjetivos, evidenciou a importância da escuta ativa por parte do/a pesquisador/a (professor/a), com atenção e respeito para com todos/as, bem como, considerar saberes, dúvidas e opiniões, assim como, o silenciamento do grupo em alguns momentos.

O silêncio de alguns/mas participantes, tido como “não participação”, “não envolvimento” com as questões apresentadas, têm indícios de aspectos subjetivos relacionados à história de vida desses/as participantes da pesquisa, como o receio de dialogar sobre o tema tido como integrante do mundo íntimo. Para alguns/mas destes/as participantes, identifiquei na conversa individual que foram mobilizados e produzidos sentidos subjetivos, como fruto da escuta silenciosa e atenta das conversações e em suas possibilidades e limitações, em relação às diversas questões e ponderações acerca da sexualidade. Esse fato, evidencia a importância da conversação individual como parte do processo de ensino e aprendizagem na escola, em se tratando de questões relativas à educação para a sexualidade, de modo intencional com os/as estudantes.

## **Referências**

BONFIM, Cláudia. *Desnudando a educação sexual*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: como ensinar no espaço escolar. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL, 2009, p. 141-171.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 3. ed. Londrina, PR: EDUEL, 2010.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais preciso*. 2. ed. Londrina, PR: EDUEL, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 3. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FURLANI, Gimena. *Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GONZALEZ REY, Fernando. A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In: MITJÁS MARTÍNEZ, Albertina; SCOZ, Beatriz Judith Lima; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira (Org.). *Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco*. Brasília: Liber Livros, 2012, p. 21-42.

GONZALEZ REY, Fernando. As configurações subjetivas do câncer: um estudo de casos em uma Perspectiva Construtivo-Interpretativa. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 30, n. 2, 2010, p. 328-345.

GONZALEZ REY, Fernando. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, Maria Carmen Villela Rosa (Org.) *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas, SP: Alínea, 2008. p. 29-44.

GONZALEZ REY, Fernando. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZALEZ REY, Fernando. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

KAHHALE, Edna Maria Peters. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: BOCK, Ana Maria Bahia; GONÇALVES, Maria das Graças M.; FURTADO, Odair (Org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015, p. 221-238.

LOCKS, Geraldo Augusto; YARED, Yalin Brizola. Educação sexual e a práxis do professor de Ciências e Biologia. In: MELO, Sônia Maria Martins de.; BRUNS, Maria Alves de Toledo. *Educação, sexualidade e saúde: diálogos necessários* (Org.). 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2013, p. 45-67.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 153-179.

MEIRA, Renan Devitto; SANTANA, Luciana Teófilo. Sexualidade na perspectiva histórico-cultural: primeiras aproximações. *Trilhas Pedagógicas*, v. 4, n. 4, p. 160-181, ago. 2014.

MELO, Sonia Maria Melo; CARVALHO, Gabriela Dutra de; MENDES, Patrícia de Oliveira Silva Pereira; POCOVI, Rosi Maria de Souza; SANTOS, Vera Marcia Marques. *Educação e sexualidade: caderno pedagógico*. 2.ed. rev. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A Teoria da Subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na Psicologia. In: GONZÁLEZ REY, Fernando (Org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p. 1-25.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. *Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica*. São Paulo: Cortez, 2017.

MONTEOLIVA, José Maria. *O dilema da sexualidade*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2005

NUNES, César Aparecido; SILVA, Edna. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

ROSSATO, Maristela. O movimento da subjetividade no processo de superação das dificuldades de aprendizagem escolar. *Tese*. Doutorado em Educação. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

ROSSATO, Maristela; MARTINS, Luiz Roberto Rodrigues; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A construção do cenário social da pesquisa no contexto da Epistemologia Qualitativa. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; NEUBERN, Maurício; MORI, Valeria D. (Org.). *Subjetividade contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas*. Campinas, SP: Alínea, 2014, p. 35-60.

TACCA, Maria Carmem Villela Rosa. Estratégias pedagógicas: conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. In: TACCA, Maria Carmem Villela Rosa (Org.). *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas/SP: Alínea, 2008. p. 45-68

TUCKMANTEL, Maísa Maganha. A sexualidade vai à escola: da informação biológico-reprodutiva à formação do sujeito ético. *Trilhas Pedagógicas*, v. 1, n. 1, p. 38-64, ago. 2011.